

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2010/2011

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

FRANCISCO JORDÁ CERDÁ (1914-2004) E A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA*

João Luís Cardoso¹

O Professor Francisco Jordá Cerdá foi um bom amigo de Portugal e da Arqueologia portuguesa, pela qual sempre demonstrou especial interesse. Entre a sua prodigiosa obra científica, tanto em termos de quantidade, como de diversidade temática e de qualidade – centrada globalmente em dois grandes temas, o estudo da arte paleolítica e o da arte levantina – conta-se mesmo um estudo dedicado especificamente ao território português: “Solutrense de fácies ibérica em Portugal”, *Zephyrus*, 14, 1963, p. 80-86, no qual o ilustre Professor apresenta síntese das descobertas então recentemente realizadas na gruta das Salemas, por Zbyszewski, Veiga Ferreira e Camarate França, a par da revisão dos materiais da gruta da Casa da Moura, por Jean Roche, onde ocorriam pontas de pedúnculo e aletas, até essa altura desconhecidas em Portugal.

Compreende-se o interesse que lhe despertaram as descobertas portuguesas, já que a sua tese doutoral, dirigida pelo Prof. Luís Pericot Garcia e defendida em 1953, e que constituiu marco fundamental nos estudos do Paleolítico Superior peninsular, se intitulava, precisamente, “El Solutrense en España y sus problemas”.



* Este texto tem por base a intervenção efectuada na Sala de Actos da Universidade de Salamanca, a convite da Prof. Doutora S. Corchón, por ocasião da cerimónia pública de apresentação do Volume de Homenagem ao ilustre professor, no dia 15 de Junho de 2006, na presença do Reitor da Universidade de Salamanca e de outros responsáveis universitários e que, por não ter perdido actualidade, aqui se publica pela primeira vez.

¹ Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Os laços de amizade que o uniam aos mais importantes arqueólogos portugueses do seu tempo, sem os quais a redacção daquele pequeno estudo não teria sido possível, encontram-se expressos, entre outros factos, pela nota necrológica que dedicou a Afonso do Paço, em *Zephyrus*, 19/20, 1968/1969, p. 194-195.

Deve referir-se, a propósito, que o Prof. Jordá foi um dos arqueólogos que mais honrou a memória dos seus amigos e colegas que partiam deste mundo, preocupando-se em deixar registados, nas páginas daquela revista, os seus principais contributos científicos, nisso se revelando também uma faceta da sua personalidade.

Essa permanente atenção e disponibilidade para com os outros granjearam-lhe amizades perenes, e as homenagens que, em vida, lhe prestaram. É assim que, ao atingir a jubilação, em 1984, lhe foi dedicado o volume duplo 37/38 da Revista *Zephyrus*, (1984/1985) que, com incedível empenho, dirigiu desde o volume 13, publicado no já longínquo ano de 1962, ano em que assumiu a Cátedra de Epigrafia y Numismática nesta mesma Universidade, antecedendo o Volume de Homenagem que hoje se apresenta publicamente, correspondente ao número 49 daquela notável revista, em que tive a honra de colaborar.

Foram, pois, as qualidades raras, e o prestígio científico desse homem “acolhedor e generoso”, nas palavras com que Javier Fortea inicia o prólogo de um outro volume de homenagem que lhe foi dedicado pela Universidade de Salamanca no ano da sua jubilação, sobriamente intitulado “Francisco Jordá oblata”, igualmente recheado de importantes artigos subscritos por alguns dos mais eminentes pré-historiadores europeus, que explica a plêiade de amigos e admiradores que possuía em Portugal e a vontade genuína de todos lhe quererem prestar um tributo de homenagem.

As relações com os seus colegas portugueses foram sendo cimentadas ao longo dos anos pelo convívio proporcionado por muitas reuniões científicas, realizadas tanto em Espanha, como em Portugal; numa delas, o III Congresso Nacional de Arqueologia, reunido no Porto em Dezembro de 1973, apresentou o Prof. Jordá importante comunicação:

“Las representaciones de danzas en el Arte Rupestre Levantino”, publicada nas actas em 1974, a p. 43-52.

Mais tarde, em Novembro de 1983, ao Colóquio Interuniversitário de Arqueologia do Noroeste, reunido de novo na cidade do Porto para homenagear o malogrado arqueólogo Rui de Serpa Pinto, apresentou outro importante estudo de síntese:

“Algunas consideraciones sobre los problemas del arte rupestre del área centroccidental Luso española”, publicado em 1983/1984 nas respectivas Actas. Nele, aborda e discute as representações paleolíticas, a existência de um hiato entre o Epipaleolítico e os inícios do Neolítico e, por fim, os santuários rupestres, estabelecendo paralelismos entre as sequências registadas em Las Batuecas e no extenso santuário do vale português do rio Tejo.

Estes e outros estudos ilustram a forma integrada como o Prof. Jordá Cerdá entendia e abordava a realidade arqueológica peninsular, liberto das fronteiras políticas que, tantas vezes, compartimentam ideias e vontades.

Conhecendo bem os mais relevantes arqueólogos portugueses, foi com naturalidade que foi acolhido entre as principais instituições dedicadas à História e à Arqueologia de Portugal. Logo em 1955 é recebido como Sócio correspondente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sendo Presidente o seu Amigo Prof. Joaquim Fontes, ele próprio um activo colaborador, décadas atrás, de notáveis arqueólogos que então desenvolviam estudos em grutas da região asturiana, como Eduardo Hernández-Pacheco, o Conde de la Vega del Sella e Hugo Obermaier.

As ligações a Portugal justificaram, nesse mesmo ano de 1983, o seu ingresso no Instituto Cultural Luso-Espanhol, em consequência da sua actividade, enquanto decano da Facultad de Filosofia y Letras desde 1973 e, mais tarde, desde 1981, como decano da Facultad de Geografía e Historia desta nobre e antiga Universidade de Salamanca.

Em Março de 1992, o Prof. Jordá Cerdá é eleito Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História, por proposta elaborada pelo seu grande amigo, o Prof. Manuel Farinha dos Santos: unia-os, sobretudo, o interesse que ambos dedicavam à arte rupestre paleolítica.

Do particular carinho que o Prof. Jordá dedicava à Arqueologia portuguesa, resultou o acolhimento, nas páginas da *Zephyrus*, de numerosos trabalhos que, de outra forma, teriam certamente uma difusão menor. É assim que me cumpre elencar os que, correspondendo à sua direcção à frente da Revista, entre 1962 e 1983, foram ali publicados:

Afonso do Paço, 14 (1963), “Paleolítico emeritense”, p. 76-79;

Afonso do Paço, Fernando Nunes Ribeiro & Gonçalo Lyster Franco, 16 (1965), “Inscrição ibérica da Corte do Freixo (Almodovar)”, p. 99-106.

Afonso do Paço, 17 (1966), “Grutas de Alcobaça. Aditamento”, p. 89-103.

Victor dos Santos Gonçalves, 28/29 (1978), “Para um programa de estudo do Neolítico em Portugal”, p. 147-162.

Maria Garcia Pereira Maia, 28/29 (1978), “Uma forma inédita, em “terra sigillata” hispânica, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa”, p. 275-277.

Manuel Maia, 28/29 (1978), “Fortalezas romanas do sul de Portugal”, p. 279-285.

Zbyszewski, G.; Veiga Ferreira, O. da; Leitão, M.; North, C. T. & Norton, J., 32/33 (1981), “As jóias auríferas da gruta pré-histórica da Verdelha dos Ruivos (Vialonga-Portugal)”, p. 113-119.

Jorge, S. Oliveira Jorge *et al.*, 24/25 (1982), “Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo de Espada-à-Cinta (Portugal), p. 63-70.

Foi a sempre reafirmada preocupação no estreitamento dos laços científicos com os arqueólogos portugueses, que esteve igualmente na origem do convite que me foi endereçado pela Prof. Soledad Corchón, actual directora do Conselho de Redacção da *Zephyrus* para participar no volume de Homenagem ao Prof. Francisco Jordá-Cerdá, que agora publicamente se apresenta, tal como o anterior convite para integrar o Conselho Assessor da Revista, ao qual me honro de pertencer desde 2005.

Aquele estudo, respeitante a síntese do Mustierense no território português – justamente um dos temas preferidos do Prof. Jordá-Cerdá entre 1951 e 1957, cuja investigação se estendeu das Astúrias ao Sahara Espanhol, passando pela região levantina – é apenas a mais moderna expressão da forte componente ibérica que o Prof. Jordá soube imprimir à *Zephyrus*, tornando-a uma referência no panorama científico internacional.

Como o Mestre declarou na nota preambular do volume jubilar dos 25 anos da Revista que tão brilhantemente dirigiu, publicado em 1974, “*Zephyrus* es una empresa cultural proyectada hacia el futuro. Que nuestros sucesores en la dirección de este empeño puedan, dentro de otros 25 años, celebrar con la satisfacción del deber cumplido un nuevo año jubilar”. O tempo encarregou-se, felizmente, de confirmar plenamente as palavras auspiciosas do grande arqueólogo que hoje homenageamos, que, como tantos outros servidores abnegados da Ciência, citando o grande poeta português Luís de Camões, “por actos valorosos, se vão da lei da morte libertando”.